

Jovens agredidos depõem na PM

GUSTAVO TOURINHO
DA EQUIPE DO CORREIO

Dois dos cinco jovens agredidos por policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope) na madrugada do dia 1º de janeiro prestaram depoimento ontem à Corregedoria Geral da Polícia Militar. Os rapazes, de 20 e 22 anos, não tiveram a identidade revelada pela PM, nem os militares (quatro soldados e um sargento) que agrediram o grupo. As outras três vítimas devem ser ouvidas no inquérito até o final desta semana, tão logo sejam localizadas. O *Correio* entrevistou duas delas ontem à tarde.

Os quatro soldados estão detidos desde segunda-feira no quartel da PM e negaram participação na agressão. Já o sargento está de folga e viajou para o Maranhão, devendo ser preso assim que retornar a Brasília. Todo PM que comete infração durante o serviço fica preso por apenas 72 horas.

Depois desse prazo, é solto e passa a exercer funções burocráticas na corporação, geralmente no Departamento de Pessoal. Seus salários continuam sendo pagos normalmente.

A corregedoria tem 40 dias — prorrogáveis por mais 20 — para concluir o inquérito. O corregedor-geral da PM, coronel Francisco Maia, ressalta que dois procedimentos serão abertos contra os PMs envolvidos. “O inquérito vai apurar a prática de crime militar. Já a sindicância tem como objetivo apurar o caráter disciplinar da atitude dos policiais”, explica.

Socos e tapas

Os dois jovens que prestaram depoimento na PM não tinham sido liberados até o fechamento desta edição, às 20h de ontem. Dois outros que faziam parte do grupo agredido pelos policiais foram localizados e ouvidos pelo *Correio* na parte da tarde: *Gustavo*, de 15 anos, e *Paulo*, de 16 (no-



VÍTIMAS SIMULAM A AGRESSÃO: UM DOS RAPAZES FOI SUSPENSO PELOS CABELOS

CORREIO BRAZILIENSE

05 JAN 2005

mes fictícios), moradores do Novo Gama (GO), disseram que estavam sentados com os outros três colegas em frente à Torre de TV quando cinco viaturas do Bope passaram em direção à Esplanada dos Ministérios.

“Uma delas virou bruscamente para nós e subi na grama com os faróis altos. Imediatamente, os cinco policiais saíram do carro e falaram para não nos mexermos nem olharmos para eles”, lembrou *Gustavo*. “Quando colocamos as mãos na cabeça e olhamos para onde eles mandaram, começaram as agressões: socos e tapas na ca-

ra, chutes nas pernas e nas costelas, xingamentos...”, contou *Paulo*.

Segundo as vítimas, a cada agressão os policiais riam e diziam que os garotos não estavam em Woodstock. “Um deles perguntou para todos nós onde estava a maconha. Mas não havia maconha nenhuma com a gente, apenas uma garrafa de Coca-Cola com cachaça. Aí, quando dizíamos que não estávamos com drogas, eles nos batiam na cara e diziam que iam perguntar de novo e queriam ouvir outra resposta”, relatou *Gustavo*.

Depois de serem revistados,

espancados e humilhados, os cinco rapazes foram obrigados a correr em direção à Rodoviária, ainda segundo *Gustavo*. “Um deles disse: ‘Vaza! Se eu te pegar, tu tá f...!’”. Nem a meia eu coloquei. Enfiar o tênis no pé e corri, sem olhar para trás.

Fita de vídeo

Segundo *Paulo*, ele e seus colegas não pretendiam registrar ocorrência contra os policiais. “Seria a nossa palavra contra a deles”, afirma. No entanto, depois de saberem da existência de uma fita gravada possivelmente por um turista que filmava as primeiras horas de 2005 com uma câmara de vídeo amador, decidiram denunciar.

“Agora temos condições de provar que fomos mesmo agredidos por eles”, diz *Gustavo*. A parte mais grotesca da filmagem foi quando um policial — o mais violento e irônico deles, segundo as duas vítimas — pegou o rapaz de 20 anos pelos cabelos e o rodou três vezes, como faz um pai que brinca com o filho, só que o segurando pelos braços.

Quatro deles moram no Novo Gama (GO). Um outro, que foi apresentado ao grupo antes da virada do ano, reside em Ceilândia.

OS NOMBRES SÃO FICTÍCIOS A PEDIDO DAS VÍTIMAS